



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**EDMILTON GOMES DA SILVA**

**O ESTRESSE NA DOCÊNCIA: UM DESAFIO A SER SUPERADO**

**SALVADOR**

**2011**

EDMILTON GOMES DA SILVA

**O ESTRESSE NA DOCÊNCIA: UM DESAFIO A SER SUPERADO**

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Roberto Holanda Gurgel

SALVADOR

2011

EDMILTON GOMES DA SILVA

## **O ESTRESSE NA DOCÊNCIA: UM DESAFIO A SER SUPERADO**

Monografia aprovada com requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, do Programa de Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Holanda Gurgel - Orientador  
Doutor em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof. Dr. Cleverton Suzart Silva  
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Universidade Federal da Bahia

---

Patrícia Raquel Marinho da Silva

Salvador, 09 de dezembro de 2011

*Dedico este trabalho ao Senhor dos Céus e da Terra, aos meus familiares, colegas, professores desta casa, os quais me incentivaram a perseverar na prática pedagógica para poder alcançar a excelência da docência.*

Aos anos de vida acadêmica na FACED, pois as lições de ética, moral e caráter me inspiraram a escrever esse ensaio;

A Professora Flaviane Sudário Pereira que me introduziu na descoberta da pesquisa no campo do estresse docente, facilitando a minha percepção acerca de como se dá a nova realidade dos professores do ensino fundamental no presente século;

A Professora Iracy Picanso, exemplo de caráter e determinação a ser seguido;

A minha amada esposa;

A coordenadora do curso, professora Maria Couto Cunha, pelos momentos de convívio, os quais me inspiraram a me dedicar, ainda mais, ao ensino;

Ao Professor Paulo Roberto Holanda Gurgel que mesmo com tanta responsabilidade nessa casa, pode me ajudar a terminar um tema que realmente me interessou.

## RESUMO

Enquanto se multiplicam as pesquisas sobre os efeitos do *burnout* no meio docente, em todo o mundo, professores experimentam esta situação de desconforto e desprazer no desenvolvimento de sua atividade profissional. Este estudo busca contribuir para o entendimento de como se processa a reação destes profissionais diante das circunstâncias geradoras de estresse, produzidas no espaço escolar. Visa ainda ponderar sobre pontos significativos, tais como: a formação docente, o status do professor na atual conjuntura, sua condição de trabalho, seus salários, a violência nas escolas e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas no sentido de combater este mal-estar que tem acometido parte significativa da categoria. Com o objetivo de melhor compreender estes itens é necessário discorrer sobre como os professores obtêm forças para persistir na profissão, suas experiências, seus métodos. Ao final, destaca-se algumas estratégias empreendidas para vivenciar a rotina fatigante, no exercício da atividade docente. São meios encontrados para permanecer na profissão, mesmo diante de todas as adversidades, para quem escolhe um propósito nobre, mas que teve o seu valor mitigado na sociedade. Menciona-se também a necessidade de que o poder público formule ações que visem minorar os efeitos do mal-estar docente, a partir de iniciativas preventivas.

Palavras-chave: Professor. Estresse. Burnout. Condições de Trabalho. Educação.

## ABSTRACT

While multiply the research on the effects of burnout among teachers around the world, teachers experience this discomfort and displeasure in the development of their professional activity. This study seeks to contribute to the understanding of processes like the reaction of health professionals in stressful circumstances, produced in school. It also aims to reflect on significant points, such as teacher training, the teacher's status at this juncture, their working conditions, wages, violence in schools and coping strategies developed to combat the malaise that has affected part of the category. In order to better understand these items is necessary to talk about how teachers get the strength to persist in the profession, their experiences, their methods. At the end, there is some strategies undertaken to experience the stressful routine in the course of teaching. Means are found to remain in the profession, even in the face of all adversities, who chooses a noble purpose, but had mitigated its value in society. It is also mentioned the need for the government to formulate actions aimed at reducing the impact of teacher malaise, from preventive initiatives.

Keywords: Teacher. Stress. Burnout. Working Conditions. Education.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1. ESTRESSE</b> .....	12
1.1. DEFINIÇÃO .....	12
1.2. COMO SE FORMA O ESTRESSE .....	13
1.3. A SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> .....	15
1.3.1. <b>O Trabalho e o <i>Burnout</i></b> .....	17
<b>2. O MAL-ESTAR DOCENTE</b> .....	20
2.1. PROFESSORES TENCIONADOS PELA PROFISSÃO.....	20
2.1.1. <b>Fatores de Tensão na Formação</b> .....	23
2.1.2. <b>Mais Mudanças, Mais Exigências</b> .....	26
2.1.3. <b>Em Condições Adversas</b> .....	30
<b>3. VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS</b> .....	32
3.1. PROFESSOR - PROFISSÃO DE RISCO. ....	34
<b>4. ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E FUGA</b> .....	38
<b>5. O PROFESSOR E O COMBATE AO MAL-ESTAR DOCENTE</b> .....	42
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	49
<b>8. ANEXO</b> .....	59

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende refletir sobre os sintomas de estresse, seus danos físicos e até onde comprometem a atuação dos professores do ensino fundamental em sala de aula. Objetiva-se também, pesquisar como o exercício da prática docente tem exigido dos professores uma adaptação psicológica diante do constante enfrentamento com os alunos no ambiente pedagógico. Ainda pretende-se verificar quais as intervenções sócio-educativas realizadas no campo psico-pedagógico para combater o estresse docente e as políticas públicas desenvolvidas na área de saúde mental do professor. Como fonte de pesquisa são utilizados trabalhos publicados que versam sobre o tema, voltados para o enfrentamento da problemática do estresse.

Diante dos desafios impostos ao ser humano como pessoa que se completa na força do seu trabalho produtivo, percebe-se quanto é fundamental ao trabalhador conseguir superar as mudanças ocorridas na sociedade, a fim de se adequar ao ritmo que ela determina. A competitividade é uma das marcas da globalização que se percebe em todas as funções produtivas. É a procura por resultados urgentes, ou seja, a busca pela produtividade imediata, em detrimento da condição de bem-estar da pessoa humana, a qual enfrenta o desafio de suportar as pressões, no intuito de resistir e superar as adversidades existentes.

Estas constantes variações e imposições são comuns a todas as pessoas, principalmente as que estão ativas no mercado de trabalho e que, no desenvolvimento da sua função, precisam se relacionar com outras pessoas. Elas se queixam de distúrbios os mais diversos: insônia, falta de apetite, e até mesmo, a falta de motivação para continuar trabalhando. Dentre estas, se encontra o profissional da educação, o qual carrega consigo o compromisso de ser o facilitador do conhecimento transmitido ao educando. Este profissional se viu diante de uma mudança brusca no que diz respeito ao seu labor, dispondo de poucos recursos materiais e humanos. E, ainda assim, persegue novos dispositivos para fazer da

prática docente uma atividade viável, visando alcançar seus objetivos, sem que isso prejudique sua saúde emocional e física.

Desta forma, percebe-se uma inquietação quanto à atividade docente, haja vista que, pelo profissional da docência passam todos os demais profissionais. Pergunta-se: qual profissional nunca necessitou de um professor para a construção do seu conhecimento? Só isso já justificaria este ensaio.

Dos professores depende a transmissão do conhecimento de forma sistematizada e equilibrada; a eles estão ligados todos os aprendizes, do infante ao pós doutorando. Como exercer bem a atividade docente, se não houver uma relação de equilíbrio com o ambiente e consigo mesmo? O perigo da exaustão, e conseqüentemente do estresse é comum a todos. Principalmente para quem tem uma tarefa tão importante e que demanda uma relação direta e constante.

O presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre a relação dos professores com o ambiente de trabalho e seus sujeitos, diante das mudanças da pós-modernidade e como estas questões incidem sobre saúde dos docentes, provocando mal-estar.

Estudos nesta área são de grande relevância, pois tais transformações têm alterado de forma quantitativa e qualitativa o desenvolvimento da atuação docente no ambiente escolar, trazendo incertezas e criando um clima de extremo desconforto. “Nesses trabalhos, os problemas psicológicos detectados acabam se relacionando, de forma mais ou menos direta, com as condições sócio trabalhistas em que se exerce a docência”. (ESTEVE, 1999, p. 23).

Segundo Lipp (2002), o estresse é o principal acesso para outras doenças, tais como, ansiedade difusa ou generalizada, insônia, esquizofrenia, episódios maníaco-

depressivos e depressão. Desta maneira, observa-se a necessidade de se refletir sobre o assunto, identificando as fontes geradoras do estresse docente e se há medidas empregadas para o combate dos malefícios gerados por este fenômeno tão atual.

## 1. ESTRESSE

### 1.1. DEFINIÇÃO

Conquanto nos dias atuais o tópico estresse seja freqüente nos debates, as pesquisas sobre o assunto não são tão atuais e apresentam vários conceitos sobre o tema. Nesta investigação, destaca-se a definição apresentada pela pesquisadora Marilda Lipp<sup>1</sup> :

Chama-se de *stress* a um estado de tensão que causa uma ruptura no equilíbrio interno do organismo. É por isso que, às vezes, em momentos de desafios, nosso coração bate rápido demais, o estômago não consegue digerir a refeição e a insônia ocorre. Em geral, o corpo todo funciona em harmonia, como uma grande orquestra. Deste modo, o coração bate no ritmo adequado às suas funções; pulmões, fígado, pâncreas e estômago têm seu próprio ritmo que se entrosa com o de outros órgãos. A orquestra do corpo toca no ritmo da vida com equilíbrio preciso. Mas quando o *stress* ocorre, esse equilíbrio, chamado de homeostase pelos especialistas, é quebrado e não há mais entrosamento entre os vários órgãos do corpo. (LIPP, 2002, p. 12).

Refletindo com a autora supracitada, percebe-se as mudanças que acontecem e que promovem o desequilíbrio do corpo. Na docência, é possível se pontuar fatores específicos que contribuem para desencadear o *stress*: a modificação do papel do professor, as transformações ocorridas na sociedade, os objetivos do sistema educativo, a perda do status docente na atualidade. Além desses, há fatores, como a falta de condições e recursos de trabalho, a violência nas escolas, e a acumulação de exigências. Esteve (1999, p. 61) com muita propriedade, comenta esta situação, lembrando que, por causa das “razões expostas, a inibição e o absentismo aparecem como reação mais freqüente para acabar com a tensão derivada do exercício docente”.

A problemática “estresse na docência” vem despertando atenção de diversos pesquisadores (Codo, 2006, Martins, 2005, Reinhold, 2007, dentre outros), os quais vêm no atual contexto socioeconômico um fator preponderante para esclarecer a questão. É importante que se perceba que o somatório de todos estes fatores aliado à agitação da vida moderna repercutem sobre o organismo do profissional, produzindo uma cadeia de reações a serem analisadas a seguir.

## 1.2. COMO SE FORMA O ESTRESSE

Estresse é uma reação natural do organismo vivo, quando se defronta com um estado de mudança do seu ambiente, para que aconteça uma acomodação posterior ao movimento. Esse acontecimento pode ser algo positivo ou negativo dependendo do grau de pressão ao qual o indivíduo é exposto. Pode-se entender o estresse como o alarme do organismo frente aos embates constantes da vida.

O *stress* é uma reação perfeitamente normal do organismo e indispensável para a sobrevivência humana. Sem ele não há preparo para enfrentar uma situação de grande perigo ou uma emoção forte. Ocorreria a paralisação, e o ser humano ficaria sem ação, algo extremamente desfavorável dependendo da situação. (MELEIRO, 2002, p.11).

A autora mostra que o estresse é um dispositivo extremamente normal no organismo humano. E que o mesmo acontece na preparação para uma nova etapa de condições inéditas. No entanto existe a necessidade de entender até que nível uma pessoa pode ser submetida a uma situação de estresse e não sofrer dano na sua saúde? Segundo Alexandrina Maria Augusta da Silva Meleiro, o processo de estresse segue uma seqüência de ocorrências que, em casos extremos, pode levar à morte do indivíduo:

---

<sup>1</sup> Pioneira no Brasil dos estudos sobre estresse.

Na reação de alarme, ocorre a mudança característica do organismo em resposta ao estímulo: sob *stress* há liberação de adrenalina, que é uma substância vasoconstritora, provocando uma reação no diâmetro dos vasos coronários. Há liberação de aldosterona, hormônio que diminui a diurese aumentando o volume interno do líquido, o que provoca o aumento do número de plaquetas no sangue e de fibrogênio, favorecendo, assim, a elevação da concentração de sangue – hemoconcentração. Paralelamente, sob *stress*, o organismo libera corticóides – cortisol e hidrocortisona – que estimulam a gliconeogênese – catabolismo – produzindo um estado de hiperglicemia. A glicose metabolizada fornece energia. Se o estímulo estressor for intenso, ele representará uma ameaça à vida, podendo levar à morte. (MELEIRO, 2002, p.13).

Ela explica também que:

O estágio de esgotamento desenvolve-se quando a ação do estressor, ao qual o organismo se adaptou, permanece por um período longo, esgotando a energia de adaptação. O organismo é atingido no plano biológico ou físico e no plano psicológico ou emocional. (MELEIRO, 2002, p.13).

Lipp (2002) identifica o processo do estresse em quatro fases: a atuação direta do agente estressor; a resposta interna que estimula a defesa dos tecidos; a resposta de rendição dos tecidos; e, a “quase exaustão”. Em alguns indivíduos há fatores condicionantes, disposições e predisposições genéticas, as quais ainda poderiam auxiliar o estresse de maneira a causar danos à saúde. Os estudiosos do tema referem-se a um fenômeno que surge em razão dessas ocorrências, denominado de *Síndrome de Burnout*.

Os fatores externos, internos e psicológicos contribuem para o quadro de saúde psicossomático. Estudos e bibliografias apontam esses, como fatores para o adoecimento deste profissional. Nesta perspectiva, considerando-se que os desafios são inúmeros, se faz necessário um estudo sobre a Síndrome de *Burnout*. (FRANZONI, 2008, p.3).

Este fenômeno é o objeto do tópico seguinte.

### 1.3. A SÍNDROME DE *BURNOUT*

Codo (2006) explica que o termo *burnout* (*to bum out*), tem sua raiz proveniente da língua inglesa e significa “queimar por completo”. O autor supracitado defende que o nome dado em português, pode ser relacionado com a “perda de fogo”, ou ainda “queimar-se completamente”. Ou seja, o fim das energias. *Burnout* é concebida como a síndrome do esgotamento profissional, ou ainda como a síndrome da desistência. Ela já tem tomado o seu devido lugar como objeto de estudo no meio dos profissionais e pesquisadores da área de saúde ocupacional.

*Burnout* é um tipo de estresse ocupacional que acomete profissionais envolvidos com qualquer tipo de cuidado em uma relação de atenção direta, contínua e altamente emocional (Maslach & Jackson, 1981; 1986; Leiter & Maslach, 1988, Maslach, 1993; Vanderberghe & Huberman, 1999; Maslach & Leiter, 1999). As profissões mais vulneráveis são geralmente as que envolvem serviços, tratamento ou educação (Maslach & Leiter, 1999). Atualmente, a definição mais aceita do *burnout* é a fundamentada na perspectiva social-psicológica de Maslach e colaboradores, sendo esta constituída de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal no trabalho. (CARLOTTO, 2002, p. 23).

Na *Encyclopedia Britânica On-line*, o termo *burnout* aparece como nome masculino, e no primeiro significado é descrito como: “o esgotamento da força física ou emocional, ou a motivação geralmente como resultado de estresse prolongado ou frustração”. Vê-se o termo associado a palavras-chave: esgotamento; estresse; frustração.

Segundo Pereira (2005, p. 15) há “autores que preferem a manutenção do termo estresse, e para diferencia-lo de *burnout*, o denominam estresse ocupacional.” Pereira (2005) afirma ainda que outros pesquisadores preferem denominar o *burnout* como o estresse ocupacional assistencial. O fato é que o *burnout* está diretamente ligado de uma forma mais intensiva a profissões que estão vinculadas ao relacionamento interpessoal, como no caso da docência.

No âmbito da docência, Esteve (1999) utiliza-se do termo mal-estar como sinônimo do termo *burnout*, o qual significaria o esgotamento dos que trabalham na profissão docente: nas línguas espanhola e francesa, o significado é o mesmo: esgotamento. Na bibliografia anglo-saxã, o termo *burnout* significa estresse, na maioria das referências. Esteve (1999) afirma que o termo aparece pela primeira vez em 1979 num artigo de Pámela Bardo, intitulado “*The Pain of Teacher Bornout: A Case History*”. (A Dor do Professor - *Burnout* : Uma História de Caso).

Ainda que sejam consideradas diversas definições do que seja o *burnout* com características diferenciadas, é possível identificar, no mínimo, cinco pontos de convergência entre estas definições:

- 1) Existência de sintomas que apontam para exaustão física, emocional e mental, tais como depressão e fadiga;
- 2) A ênfase nos indicativos comportamentais e mentais e não nos sintomas físicos;
- 3) A síndrome está relacionada ao exercício profissional;
- 4) A manifestação acontece em pessoas que não sofriam de distúrbios psico patológicos até então; e,
- 5) A diminuição da produtividade no trabalho acompanhada de atitudes e comportamentos negativos.

Estes pontos indicam sintomas da síndrome instalada no indivíduo.

Segundo Carlotto (2002), o processo do *burnout* é individual, e pode levar anos para se manifestar. É comum também a todos os casos uma evolução paulatina da situação, em que o indivíduo não percebe o que de fato se passa no seu organismo.

### 1.3.1. O Trabalho e o *Burnout*

Todo ser humano, para ser completo precisa ter suas necessidades supridas de maneira satisfatória. O trabalho é o meio de produção e satisfação humana com o fim específico de manutenção das necessidades básicas. É através dele que o indivíduo vê completado seu esforço, traduzido pelos anos de dedicação aos estudos, cursos profissionalizantes e outros meios empregados em sua preparação profissional. Embora o trabalho não seja o único meio de satisfação pessoal, é inquestionável o seu lugar de destaque e promoção de status na sociedade.

Segundo Pereira (2002), a sobrecarga da atividade profissional é uma das variáveis que ocasionam o *burnout*. Ao refletir somente sobre esta parte da investigação, não se consegue perceber o todo do fenômeno. Para Zimpel (2005), o advento da modernidade é o principal fator que desencadeia uma série de novos fatores:

Na modernidade, vira-se o retraimento da produção do setor primário e o simultâneo fortalecimento do setor terciário. Resultado disso, as relações comerciais ganharam importância, muitas delas na forma de prestação de serviços e calcadas nas relações pessoais. Relações essas inseridas em um cenário onde o ser humano está mais solitário e vê a solidariedade se esvaziar, onde a ênfase no individualismo e a simultânea ruptura dos contratos sociais parecem ter eliminado a pessoa. [...] Esse contexto parece ter facilitado o surgimento de um novo fenômeno no trabalho, o qual foi detectado no final do século XX, mais especificamente a partir da década de 1970. Trata-se de uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outras pessoas, particularmente quando essas estão preocupadas ou com problemas. (ZIMPEL, 2005, p. 47).

Num contexto onde as coisas são prioridades, e a competitividade e o individualismo imperam, o *burnout* surgiu e se desenvolveu rapidamente. Como uma tensão que

está intimamente ligada à nova forma de encarar o trabalho, um trabalho totalmente voltado para a produção e o capital. É esse novo fenômeno emocional, que interfere na produtividade e, conseqüentemente nos resultados das atividades profissionais desenvolvidas. A docência tem que se adaptar a essa nova plataforma no intuito de se firmar diante dos novos padrões exigidos. Os tempos atuais requerem um novo molde comportamental.

O professor que resiste a estas mudanças, que ainda pretende manter o papel de modelo social, o de transmissor exclusivo de conhecimento e o de hierarquia possuidora de poder tem maiores possibilidades de ser questionado e de desenvolver sentimentos de mal-estar. (CARLOTTO, 2002, p. 23)

O profissional da educação tem que ser flexível, porém isso não assegura que o *burnout* não lhe acometerá. Os tempos atuais exigem do profissional em educação muito mais do que uma boa qualificação, requer dele um equilíbrio emocional e uma estrutura diferenciada no desenvolvimento da sua atividade profissional, mesmo dentro de um ambiente tenso, como é a sala de aula. A resposta a esse estímulo é um misto de irritabilidade e fadiga, por causa do esforço que se exige para quem enfrenta todos os dias as mesmas tensões.

A atividade docente exige do/a professor/a um alto investimento de energia psíquica. O problema é que a relação professor/aluno nem sempre ocorre de forma correspondente, impossibilitando que o circuito afetivo se feche. Essa situação coloca o professor numa zona de tensão constante. É nessa tensão que se instala o *burnout*. Em outras palavras, o *burnout* está diretamente relacionado com o desejo de realizar *algo* e, por diversas razões, não conseguir fazê-lo. Na maioria das vezes, o indivíduo atribui a si a responsabilidade pela realização. Neurose, frustração, desmotivação, desespero, depressão, alienação e fadiga frente ao trabalho podem ser sintomas dessa síndrome. (SANTOS, 2004, p.50).

Esteve (1999) corrobora este pensamento ao afirmar que o termo *burnout* é utilizado para descrever um processo degenerativo do professor no desenvolvimento do seu trabalho. E os sintomas seriam esgotamento, fadiga e desistência. Conseqüências

do mal-estar docente. Um conjunto de conseqüências nocivas que afetaria diretamente o professor a partir de fatores psicológicos e sociais.

Segundo Perrenoud (1993) a carreira docente é uma “profissão impossível”, pelo fato de ser uma atividade que sempre trabalha diretamente com pessoas, trazendo um desconforto constante. Este autor afirma ainda que, por causa das relações humanas serem voláteis, o sucesso do trabalho jamais estará garantido, porque existem mudanças, controvérsias, conflitos, ambigüidades e outros mecanismos que são opostos do desenvolvimento de todo processo educativo, proporcionando um ciclo de insatisfação e sentimentos impresumíveis.

## 2. O MAL-ESTAR DOCENTE

### 2.1. PROFESSORES TENCIONADOS PELA PROFISSÃO

A atividade de ensino já foi vista como função de alto valor social, e em determinado momento na sociedade brasileira, teve o seu apogeu. Entretanto, por volta dos anos 70 do século passado, essa realidade começou a mudar. Na verdade, toda sociedade estava em mutação e com ela os seus seguimentos.

A partir dos anos 60 e 70, especialmente, o mundo passou por uma profunda transformação cultural. Essas mudanças foram provocadas pela confluência de diversos fatores. Dentre eles, a evolução das formas de controle da natalidade, no plano científico, e a emergência de vários movimentos contestatórios, desde os artísticos aos temáticos e políticos. As mulheres, os jovens, os ativistas políticos levantaram bandeiras, como o direito à igualdade com respeito às diferenças, a ampliação das liberdades sociais e individuais. Portanto, também na escola, ocorreram mudanças. (VIEIRA, 2003, p.32).

Percebe-se a ruptura com os padrões que se mantinham estáveis porém obsoletos, diante da nova visão de mundo.

Outro ponto importante que repercutiu sobre atividade docente foi à elaboração da nova Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDBEN nº 9.394/96)<sup>2</sup>, mediante a qual ficou entendido que os professores da educação básica teriam que concluir a formação superior para poder exercer o magistério:

---

<sup>2</sup> A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934. A primeira LDB foi criada em 1961, seguida por uma versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (LDBEN, 9394/96).

Esses fatos concatenados com outros impuseram aos docentes uma corrida na busca por uma preparação melhor e adequação aos novos métodos e desafios, no intuito de se manter no exercício da profissão.

Esse período da história coincide com um vertiginoso progresso científico e tecnológico, com a multiplicação dos campos de saber e com mudanças profundas no mundo do trabalho. A escola e a universidade passam a questionar-se sobre a formação dos educadores em face desses novos desafios. (VIEIRA, 2003, p.40).

Todas estas transformações se fizeram acompanhar de uma nova geração de alunos. Alunos da era digital. Vieira (2003, p. 42) aborda esse tema dizendo: “Pois é. Hoje, as crianças apreendem (também) olhando. Anos atrás, copiando e memorizando”. É o fim de uma era e começo de outra bem diferente.

Além disso, há que se falar da questão da disciplina e orientação parental. É perceptível que os pais e responsáveis já não conseguem exercer a autoridade sobre os filhos como em tempos passados, muito menos incentivá-los ao respeito pelos professores. As instituições, (família, igreja, escola), antes estáveis, tiveram sua influência mitigada e ou questionada, em face dos novos padrões morais e sociais. O que advêm disto se manifesta na forma de indisciplina por parte dos alunos e cobranças dos pais.

Tendo em vista a falência mencionada, o que se tinha acerca da autoridade tornou-se tão impreciso que o Estado passou a repartir com a Família a responsabilidade pela educação das crianças e dos jovens. Ocorre que, em um contexto em que os indivíduos não cultuam os deuses ou um Deus, onde a autoridade do Deus (Pai) foi deposta, legitimar a autoridade dos pais

mortais da instituição familiar passou a ser um desafio dos tempos modernos e mais ainda do contexto atual [...]. (PEREIRA, 2010, p. 4).

Percebe-se também que, em diversas situações, não há um incentivo à valorização da escola e da docência por parte destes pais e ou responsáveis. Infelizmente, alguns até incentivam o desrespeito, a indiferença e a violência contra os docentes:

Há somente alguns anos, os pais esforçavam-se para ensinar a seus filhos o sentido da disciplina, a cortesia e o respeito, e não só permitiam a seus filhos o menor enfrentamento com o professor como, além disso, muitos deles intervinham pessoalmente para explicar ao professor, diante dos próprios filhos, o apoio que lhes ofereciam cegamente perante o menor conflito. (ESTEVE, 1999, p.33).

Nos dias atuais, os pais atribuem ao professor o fracasso educacional dos filhos, por considerarem os professores os únicos responsáveis pelo ato de educar. Essa afirmativa decorre do fato de que a família delegou esta função, que, antigamente, decorria de um trabalho de parceria família – escola. O professor passou a figurar praticamente como o único agente entre a educação e o educando, e o transmissor do conhecimento de forma sistemática.

Diante desse panorama, o professor se encontra sob pressão e tenta manter o equilíbrio físico e emocional, enquanto presencia as circunstâncias ao seu redor se modificarem da noite para o dia.

Quando o nosso contexto é estável, a maior parte de nós podemos enfrentá-lo. Não obstante, quando nosso contexto muda rapidamente, até o mais saudável encontra dificuldade para enfrentar o estresse. (MILSTEIN, GALASZENSKI e DUGUETE, 1984, p.293 apud ESTEVE, 1999, p. 32).

Como se pode notar a atividade docente, a partir do final século XX, experimentou diversas mudanças decorrentes das transformações do meio social, e com elas surgiram muitas condições desfavoráveis para o seu exercício.

[...] a pesquisa sobre “*burnout*” revelou que os conflitos dos educadores se ampliam na medida em que não conseguem estabelecer uma relação positiva, de cumplicidade afetiva e intelectual, com seus alunos. (VIERA 2003, p. 41).

Na tentativa de se adaptar ao quadro atual, os professores terminam por se depararem com a experiência do estresse, como forma de uma espécie de “retribuição” pelo enfrentamento constante com situações adversas que insistem em não ceder.

### **2.1.1. Fatores de Tensão na Formação**

Como já pode ser percebido, são diversas as áreas causadoras de tensão na vida dos docentes. A cobrança e a retirada de apoio dos pais, juntamente com as mudanças da sociedade, e ainda a violência nas escolas. Essas são frentes de combate constantes, as quais tem levado os professores a repensar sua carreira e a ponderar os prejuízos acumulados ao longo dos anos.

Como conseqüência desta realidade, o esvaziamento dos cursos de licenciatura em pedagogia é um fato notório.

Pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2010, e veiculada na revista Nova Escola, aponta que o país já está experimentando as conseqüências da diminuição da procura pelos cursos de licenciatura. Segundo a avaliação “a defasagem no ensino médio e nas séries finais do ensino fundamental alcança 710 mil vagas [...]”. O problema não é a escassez de postos de trabalho, ao contrário, existe um demanda maior que a procura. Segundo a pesquisa, entre os anos de 2001 e 2006, houve um aumento de

65% no número de cursos de licenciatura. No entanto as matrículas não preencheram a 34% das vagas. A queda está ligada a diversos fatores que desestimula os candidatos a procurarem a docência como profissão.

A pesquisa ainda aponta três itens que fortalece o abandono dos cursos de pedagogia: a desvalorização do professor, a má remuneração e a rotina desgastante. Percebe-se que a profissão de outrora não é mais a mesma dos dias atuais. O ofício se tornou estigmatizado:

[...] ao se estudar as fontes de estresse nos professores, aparecem como elementos mais significativos: em primeiro lugar os salários; em segundo, a falta de coerência em sua relação com os alunos; e em terceiro lugar, a sobrecarga quantitativa de trabalhos. (MILSTEIN, GOLASZEWSKI E DUQUETTE, 1984, APUD ESTEVE, 1999, p. 35).

Atualmente, por causa das inúmeras desvantagens que giram em torno da docência, a disposição em assumir uma vaga no mercado de trabalho como professor está cada vez mais rara.

As políticas de arrocho salarial produziram outro fenômeno que, para sermos justos, não é somente brasileiro. No mundo todo, há escassez de jovens interessados/as nos cursos de formação para a área da educação. (VIEIRA, 2007, p.29).

Em entrevista a Agência Brasil - Empresa Brasil de Comunicação (EBC), no dia 06/07/2011, o secretário de Assuntos Educacionais da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) aponta que “em alguns municípios e estados, os trabalhadores não recebem o piso salarial nacional de R\$ 1.597,87.” O que demonstra a falta de compromisso político em cumprir o que lhes é de direito. Situações de desrespeito similares só fazem aumentar o alto grau de insatisfação por parte dos professores, os quais além de sofrerem com o desgaste nas salas de aulas, ainda tem que se indispor com o Estado, para que este cumpra as determinações legais e pactuais.

Como exercer o ofício sem a devida retribuição financeira? Segundo Vieira (2007) as políticas de arrocho salarial desenvolvidas pelo governo, só proporcionam mais desvalorização para o profissional da docência. Existe um olhar pejorativo lançado sobre quem deveria figurar entre as categorias profissionais mais proeminentes da sociedade. Existe portanto, uma dívida para com a docência, traduzida na falta de reconhecimento da sua relevância como função promotora de desenvolvimento social.

Diante desse quadro os professores se vêem distantes dos ideais que pensaram para si, até mesmo no que diz respeito à qualidade do trabalho elaborado. Viera (2003) afirma que os professores não dispõem de tempo que possibilite elaborar um planejamento adequado visando aplicar suas aulas. Há uma necessidade de adequação racional da jornada de trabalho do professor. Isto é imprescindível à manutenção da qualidade do ensino a ser facilitado aos alunos. No entanto, esse fator é relegado por causa da imposição estrutural da escola, promovendo, assim, reações negativas, tanto no fator trabalho, quanto na saúde do professor.

Nos aspectos profissionais, o professor pode apresentar prejuízos em seu planejamento de aula, tornando-se este menos freqüente e cuidadoso. Apresenta perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro. Pode também sentir-se facilmente frustrado pelos problemas ocorridos em sala de aula ou pela falta de progresso de seus alunos, desenvolvendo um grande distanciamento com relação a estes. Sentimentos de hostilidade em relação a administradores e familiares de alunos também são freqüentes, bem como o desenvolvimento de visão depreciativa com relação à profissão. O professor mostra-se autodepreciativo e arrependido de ingressar na profissão, fantasiando ou planejando seriamente abandoná-la. (CARLOTTO. 2002, p.4).

Há uma tentativa de adaptação ou fuga da nova realidade proposta. Os pesquisadores apontam pontos a serem considerados na esfera emotiva. O primeiro é o sentimento de contradição. Esse acontece quando o professor adota uma postura flexível na prática docente, desvalorizando-se como profissional; o segundo

ponto é a negação da realidade em virtude da sua incapacidade de suportar as situações de tensão; o terceiro ponto é ansiedade ao perceber que os recursos necessários para realizar suas tarefas são incompatíveis ou insuficientes, ou ainda inexistentes. E o quarto, e último tópico do conflito, é aceitação da situação sem preocupações, porém sem descuidar da conduta íntegra do indivíduo.

Em todos os casos, observa-se que o professor está envolvido em esquemas de ansiedade e que, segundo Esteve (1999), esses esquemas são determinantes para que o profissional da educação sinta-se culpado por não ter atingido os ideais estabelecidos na carreira que escolheu. Sem mencionar que a sociedade requer do professor um resultado satisfatório, sem, no entanto, lhe proporcionar o necessário suporte.

[...] os próprios preconceitos mostram que a sociedade compreende o valor social do trabalho. No entanto, é a valorização de um “bem” – a educação – que, paradoxalmente, desvaloriza seus principais agentes. Missão, em geral, implica tornar secundária a idéia de profissão. Induz a um certo voluntarismo, a um desprendimento as condições concretas do trabalho. (VIEIRA, 2007, pp. 27, 28).

O sentimento de desânimo que domina os professores é oriundo dos fatores contextuais que são experimentados pelos próprios docentes, tais como a ausência da realização na profissão, depreciação da sua imagem pública e o fim da autoridade do professor dentro e fora da sala de aula. É uma luta que exige do professor estratégias para enfrentar uma realidade impositiva e que está dissociada das necessidades básicas para quem ensina.

### **2.1.2. Mais Mudanças, Mais Exigências**

É notório que, com o advento da pós-modernidade, foi instalada uma crise de autoridade. Na década de 70, no século passado, todo o mundo fervia com as

mudanças advindas da crise econômica, a qual para educação repercutiu em forma de supressão dos recursos para o desenvolvimento de novos projetos. Além da escassez destes recursos, verifica-se um descompasso no relacionamento entre professor e aluno. Esses desajustes fornecem subsídios suficientes para que o professor tenha sua saúde afetada pelas novas cobranças que surgem no final dessa época.

Os profissionais da área de educação se vêem numa transposição, entre dois mundos, o que eles conheciam, e o que já nasceu adulto. Os alunos levam a vantagem sobre os professores por terem a seu favor, o momento, pois são “filhos” das novas tecnologias. Por outro lado, os educadores ainda pesquisam, capacitam-se, na busca de um preparo eficaz que venha suprir a lacuna deixada pela metodologia passada. Pode-se concluir que os moldes antigos de ensino não se coadunam com a realidade presente, embora, ainda sejam disseminados no universo escolar, mesmo não produzindo a eficácia desejada.

Segundo Vieira (2003), além da distância entre os professores e alunos, percebe-se que as velhas fórmulas, os atributos concedidos pela sociedade à autoridade docente, já não silenciavam os alunos que questionavam toda uma estrutura, pois as informações lhes chegaram através de equipamentos fascinantes: games, celulares e computadores todos ligados a internet. A informação já não era privilégio de poucos, era um direito de todos. O professor aos poucos perdia seu espaço de domínio ante a expansão tecnológica.

Além disso, os alunos, mesmo os oriundos das classes populares – que dispõem de menos recursos, são, em geral, bem-informados. Ouvem rádio, vêem televisão, trocam informações. Os que podem, navegam na internet. Uns e outros contam com instantaneidade das notícias geradas em qualquer lugar do planeta. Esses alunos chegam à escola com muitos dados, diferentemente de outras épocas em que a informação circulava de forma mais lenta e as fontes não eram tão diversificadas. E os educadores? A pesquisa mostrou que uma das poucas coisas que conseguem fazer é assistir televisão, mas, muitos deles, dividindo o tempo com tarefas domésticas. (VIEIRA, 2003, pp. 42, 43).

Percebe-se por parte do professor, a tentativa de manutenção do controle sobre a situação, buscando manter a posição legítima de comando que lhe foi outorgada pela sociedade e pela família, em razão da importância da sua função educativa. No entanto, esta autoridade foi mitigada pelas mudanças, pela própria família e pela sociedade como um todo, na medida em que as transformações sociais foram ocorrendo, contribuindo para o surgimento de um clima de animosidade que eclode em conflitos mais calorosos dentro e fora das salas de aula.

Os estudos realizados com professores (tanto os estudos que abordam o estresse como os que abordam as condições de trabalho e saúde), caracterizam a prática de ensino como um trabalho dotado de intensificação das relações interpessoais que mobiliza os chamados fatores psicossociais do trabalho docente. (LEMOS e CRUZ, 2005, p. 67).

Neste contexto, a educação procura criar mecanismos que possibilitem sair de uma perspectiva tradicional e metódica, alimentada durante séculos, por professores, que supostamente, posicionavam-se como os detentores de todo conhecimento. Segundo Oliveira e Martins (2007) a “violência da escola”, acontece quando a reprodução da ideologia dominante e mantenedora de desigualdades sociais coloca os professores e alunos confinados em regras e normas, as quais impossibilitam o desenvolvimento de um pensamento autônomo e transformador.

Os pesquisadores supracitados afirmam que é dessa forma que a escola (sociedade) gera, ensina e pratica a violência. E é a instituição escolar, o palco das diversas formas de manifestação da violência. Segundo estes estudiosos, tanto o professor quanto aluno vivem na ciranda do estresse provocado pelo medo e a insegurança que a violência traz consigo. Quer ela seja ideológica, política ou estrutural.

Segundo Maulini (2005), o que acontece é uma exigência dos alunos por uma educação que lhes assegurem professores que acumulem as qualidades

necessárias para o exercício da nova pedagogia sem autoritarismos e traga no seu teor a essência democrática.

[...] “o bom professor”, para eles, é um professor que sabe “ensinar bem”, “explicar bem”, “fazer com que se compreenda bem”, em suma, um professor competente. Um professor “legal” e “disponível” também. Mas principalmente um professor “exigente e imparcial”, um professor que exerça uma “autoridade justa”, sem abuso de seu poder! O bom professor, em resumo, é compreensível e compreensivo, não renuncia a suas responsabilidades, exerce sua autoridade, mas não abusa dela. (MAULINI, 2005, p.22).

Há legitimação nas reivindicações dos alunos, os quais nascidos num tempo de mudanças, anseiam por alterações de base na metodologia consagrada e solidificada, considerada clássica. Maulini, citando Weber, afirma que “[...] a autoridade é um poder legitimado.” (MAULINI, 2005, p.22). O poder pode ser legitimado, porém não absoluto. Existe a necessidade de uma interação entre a tríade: professor, autoridade, aluno. A escola não pode ficar paralisada no tempo. Há uma urgência nas mudanças. Os métodos herdados da padronização dos procedimentos pedagógicos do século XIX já não respondem mais às necessidades atuais.

A relação professor – alunos é forçosamente assimétrica, mas se quiser preparar a democracia, o respeito à lei e o respeito à autoridade, ela deve distinguir dois problemas: as regras que a escola impõe aos alunos (autoridade) e as regras que ela permite que eles se imponham pouco a pouco (autonomia). (MAULINI, 2005, p.22).

Percebe-se a necessidade de uma adequação do trabalho docente ao contexto atual. Uma construção, desconstrução e reconstrução de valores, uma espécie de metamorfose dinâmica. Isso se torna um sobrepeso para o docente, o qual busca o equilíbrio para alcançar os objetivos propostos pela sociedade.

Segundo Vieira (2002) o equilíbrio é fundamental para poder desenvolver um trabalho de qualidade. O desafio é permanecer mediador de todo o processo de transição pós - moderna sem ser autoritário, mantendo o equilíbrio em meio a uma defasagem de recursos básicos e fundamentais para poder exercer bem a prática docente.

### **2.1.3. Em Condições Adversas**

Além da cobrança do preparo para enfrentar o desafio de ser professor, o desenvolvimento do trabalho, na maioria das vezes, se dá em condições totalmente inadequadas para o exercício da profissão. São as necessidades de ordem material, as quais são fundamentais para a prática da docência.

Outro problema enfrentado por professores/as são as precárias, e muitas vezes insalubres, condições físicas em que se encontram muitas escolas. Excesso de alunos, de atividades e de carga horária, dentre outros fatores, colocam o professor numa situação bastante delicada em si tratando do que fazer frente ao processo do educar. A maioria do professorado não tem local apropriado na escola para realizar atividades de estudos e planejamento. (SANTOS, 2004, p. 48).

Segundo Rodrigues (2008) as turmas numerosas e a falta de condições materiais, ou ainda, a inadequada estrutura física da escola são fatores de inviabilidade da prática docente. As condições de trabalho são uma prioridade para o desenvolvimento de qualquer profissão. E se o professor não dispõe da devida logística, vê enfraquecida a possibilidade de atuar de maneira eficaz.

Estes fatores incidem diretamente sobre a ação do professor no desenvolvimento das suas atividades dentro da sala de aula: falta de material didático e pedagógico e condições ambientais desfavoráveis, advindas de uma estrutura precária do espaço físico e acústico. Entre outras, estas são agravantes que incidem sobre o ânimo e a saúde do professor.

[...] podemos esboçar um quadro sobre as situações que mais causam sofrimento no trabalho de professor: ver-se constrangido (por meio de avaliações ou ameaças explícitas ou veladas) a fazer o que não acha correto; não conseguir fazer o que acha correto (por falta de infra estrutura das escolas, falta de instrumentos pedagógicos, falta de tempo, falta de formação, falta de apoio), ser confrontado com situações com as quais não sabe lidar (violência, extrema pobreza), ser considerado culpado pelas mazelas da educação, sentir-se isolado nos seus problemas, sem apoio de instâncias colegiadas, não ver seu esforço nem seu trabalho reconhecidos, sentir que seu trabalho tem sido desvalorizado, social e financeiramente. (FERREIRA, 2010, p.28)

Reinhold (2004) defende que os pesquisadores se repetem quando afirmam que os professores estão sobrecarregados de trabalho em locais que inviabilizam a realização da sua tarefa. Diante disto, são obrigados a desenvolver sua atividade de maneira precária. Ainda assim, é necessário atender aos alunos de forma individual, mesmo com todas as dificuldades, e, ao mesmo tempo, procurar estimular os que já estão adiantados.

Cumprir ainda ressaltar outras atribuições do docente, como: cuidar do espaço físico, planejar as aulas e as programações, avaliar as atividades, atender aos pais ou responsáveis e manter uma postura de diálogo com a coordenação da escola. Junto destes itens, há ainda o maior de todos desafios: conviver com a violência que se instalou dentro da escola. Vale notar que este fator não é um fenômeno que atinge apenas os seguimentos escolares, pois sua abrangência recai sobre toda sociedade, numa escalada mundial. Porém, repercute sobre o ambiente escolar, ofuscando o antigo conceito de que escola é lugar de aprendizado e crescimento, fazendo brotar uma sensação de insegurança e desconfiança em relação a este espaço da sociedade.

### 3. VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Lopes e Gasparin (2002) afirmam que a violência nas escolas é um fato notório e preocupante para toda sociedade moderna. Esse problema vem despertando o interesse de pesquisadores e profissionais vinculados à área educacional.

A primeira conferência realizada para debater esse tema aconteceu em Paris, no ano de 2001, promovida pela Unesco (órgão da Organização das Nações Unidas – para o desenvolvimento da educação e cultura). Depois desta, seguiram-se mais quatro: Quebec, 2003, Bordéus, 2005, Lisboa, 2008 e Mendoza, 2011, na Argentina.

A preocupação é geral. Um novo foco inquietante em nível mundial. Percebe-se que existe:

[...] uma espécie de “guerra” não declarada, onde tem-se apenas perdedores: os professores, pelo estresse físico e psíquico a que estão submetidos, e os alunos, por terem à sua frente mais um obstáculo na produção de seu conhecimento, imprescindível para o exercício da cidadania.”. (LOPES e GASPARIN, 2002, p. 295).

A escalada de violência que invadiu a escola faz com que sejam perdedores tanto os professores, quanto os alunos, segundo Lopes e Gasparin (2002).

Santos (2004) afirma, que no Brasil, as pesquisas apontam que mais de 60% das escolas já sofreram alguma forma de vandalismo ou roubo. O Estado de Pernambuco é o que tem o maior índice de violência, com uma incidência de 73,9%. Já no estado da Bahia, este índice atinge a marca de 63%. Ainda segundo o pesquisador, as agressões aos professores, oficialmente registradas dentro da escola, passam um pouco mais de 10%.

É inequívoco que a violência na escola é um dos fatores principais para o mal-estar docente. São roubos, pichações com insultos aos professores nas dependências das escolas; ofensas que em sua maioria, têm cunho sexual. Há ainda as depredações aos seus automóveis, quando estão no estacionamento da escola, ou em suas imediações.

É fato que estas agressões aos professores se traduzem no aspecto material, e comprometem sua integridade física. Esteve (1999) cita o caso da professora espanhola que levou três facadas no tórax, desferidas por um aluno de 13 anos. Ele afirmava ser o personagem Rambo, e constantemente portava esta arma, no ambiente escolar. Outro evento ocorreu em Paris, quando um aluno de 16 anos chegou atrasado à aula e o professor solicitou que apresentasse uma autorização (que era a prática daquele estabelecimento de ensino). O aluno se retirou, afirmando que iria providenciá-la e retornou trazendo uma pistola, a qual disparou contra o professor, à queima roupa.

Em síntese, a presença mais intensa da violência, no cotidiano da escola, tem aumentado a complexidade da relação professor-aluno e tornado mais agudos os conflitos próprios da relação. As dificuldades em gerir esses conflitos revelam uma certa “crise” da relação e apontam que os padrões tradicionalmente aceitos já não dão conta de regular essa relação, estando esta sem sustentação na sociedade. (LOPES E GASPARIN, 2003, pp. 205, 206).

Dizer que a principal causa da violência na escola é a falta de disciplina é uma afirmação simplista. Embora este fator seja relevante no atual contexto escolar.

Os problemas disciplinares da escola e os conflitos do dia-a-dia já ultrapassaram, largamente, os corriqueiros atritos verbais e “briguinhas” de crianças. O incremento nas ações violentas que ocorrem no interior da escola, como as agressões físicas e verbais contra alunos e professores, o porte de armas de diversos tipos, brigas de gangues (muitas vezes constituídas por alunos da própria escola), suscita inclusive a presença, cada vez mais freqüente e de forma sistemática, da força policial nesse espaço. (LOPES E GASPARIN, 2003, p. 298).

Os pesquisadores relacionam a onda de violência contra o professor à desvalorização do ato de disciplinar, pois quando o aluno rejeita o ato em si, é por que ele o entende como uma imposição que vem de cima para baixo, adotando um caráter antidemocrático. Percebe-se que é necessário investir no diálogo entre a comunidade e escola, a qual deve exercer uma posição mais participativa nas decisões que envolvam a coletividade, e em especial, os alunos. Pois para se realizar o trabalho na escola, o professor necessita de nutrir um relacionamento cordial com os seus alunos, quando isso não acontece, a possibilidade de alcançar um rendimento qualitativo fica seriamente prejudicada. Ocorre desânimo do professor por não atingir os objetivos, apesar dos seus esforços.

A violência na escola, bem como noutros contextos, cresce de forma exponencial, manifesta-se sob todas as formas, conforme dito, causando um mal-estar ao professor e minimizando a qualidade no trabalho pedagógico. Trata-se de um fenômeno concreto que demanda análises mais aprofundadas, haja vista que a crescente desigualdade social, o desemprego, a ausência de oportunidades para os jovens e a carência de uma autoridade eficiente nas diversas Instituições sociais, favorecem indubitavelmente para o seu o aumento. Por tanto, a mesma deve ser compreendida no âmbito cultural e psicossocial dos seres humanos. (PEREIRA, 2010, p.10).

Numa primeira visão já se pode inferir que houve uma escalada nos casos de violência nas escolas, desde o final do século passado, e que o problema tem suas raízes em diversos fatores sociais, e não na educação, como muitas vezes os discursos providos pela mídia intenta manter, para satisfazer a interesses duvidosos.

### 3. 1. PROFESSOR - PROFISSÃO DE RISCO

Nunca se ouviu tanto sobre a escola, professores e alunos como nos dias atuais. Geralmente, as reportagens e entrevistas focam diretamente a violência dentro do ambiente da escola, como se o problema tivesse sua gênese na educação escolar.

São casos alarmantes como a Chacina de Realengo no início deste ano, no Rio de Janeiro, quando um ex-aluno disparou uma arma de fogo contra estudantes que nem mesmo estudaram com ele ou lhes fizeram algum mal. Este é um dentre diversos casos que aconteceram e acontecem dentro do ambiente educacional. Ressalte-se porém que suas raízes estão num contexto socialmente construído durante as mudanças.

A intensificação dos conflitos, próprios dessa relação, acaba por gerar uma espécie de “guerra” não declarada, onde se tem apenas perdedores: os professores, pelo estresse físico e psíquico a que estão submetidos, e os alunos, por terem à sua frente mais um obstáculo na produção de seu conhecimento, imprescindível para o exercício da cidadania. (SCHILLING, 2009, p. 295).

São situações que se tornaram corriqueiras e que não ocorrem apenas em escolas públicas, mas também em entidades particulares de ensino. A reportagem da Globo News publicada em 14/05/2011, faz menção ao “stress pós-traumático”, como decorrência de uma situação grave de violência sofrida pelo professor. Segundo a reportagem, esse tipo de estresse ocorre por causa da violência que os docentes tem sofrido por parte dos alunos. Em entrevista, a professora Nádia de Souza Barbosa, que exerce a profissão há 24 anos de profissão, relata como a violência é uma realidade na sua vida: "Eu estava em uma sala que não tinha chave, eu me encostei na porta para dar aula, um aluno, por três vezes chutou a porta, sabendo que eu estava ali." (informação verbal)<sup>3</sup>. A professora Nádia, está afastada há dois anos, para tratamento do estresse pós-traumático.

Outra reportagem do Jornal da Record, veiculada em 02 de março de 2009, exibiu uma matéria sob o título “Professor - Profissão de Risco”. A reportagem deu ênfase à situação das escolas, como palco de atos de violência entre professores e alunos. A matéria afirmava que no comparativo, o grau de estresse a que os professores são submetidos só perde para o da categoria dos carcereiros. A reportagem ainda

---

<sup>3</sup> Reportagem disponível no site <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2011/05/violencia-dos-alunos-provoca-stress-pos-traumatico-em-professores>> Acesso em 5 de out. 2011. Essa reportagem é referente ao estresse pós-traumático.

afirmava que os professores sofreriam crises de depressão, insônia e pânico, por causa da sala de aula que se tornou um espaço de terror. Foram exibidos relatos de profissionais que, depois de anos no exercício da carreira docente, foram afastados por terem sua saúde mental abalada, por causa das violências sofridas no ambiente de trabalho, e agora vivem à base de medicamentos.

É fato notório o avanço deste tipo de violência. Pesquisas obtidas nos Estados Unidos pela *National Education Association* (NEA) apontam que entre os anos de 1979-1980 foram registradas 113.000 agressões a professores, correspondendo a 5% do total de professores do ensino público, e que cerca de 25% dos professores sentiram medo de se tornar alvo de algum tipo de agressão.

Estadísticas de um relatório de 2009 do Departamento de Educação dos EUA mostraram que a violência escolar afeta desproporcionalmente as escolas urbanas e estudantes de cor. Durante o ano letivo de 2007-2008, os professores urbanos eram mais prováveis do que suas contrapartes rurais ou suburbanas a ser ameaçado de lesão ou fisicamente atacados. (HART, 2010, p. 1).

De acordo com Vieira (2003), os alunos de hoje se alimentam do imediatismo, da esperteza, da valorização apenas da juventude, além de aprenderem, desde cedo, que ninguém se dedica de forma altruísta a uma causa nobre. Esta concepção tem levado uma geração inteira a viver o presente momento, buscando o máximo de prazer, sem se importar com as regras estabelecidas pela sociedade, em detrimento do futuro ou do que é certo ou errado. Percebe-se que o respeito às instituições não é a prioridade, no entendimento da maioria dos jovens.

A falta de perspectiva é um dos componentes da violência instalada na escola, embora saibamos que as causas lhe sejam exteriores. Porém, cada vez mais, o ambiente escolar é palco para manifestações agressivas, verbais ou físicas, individuais ou de grupos. (VIEIRA, 2003, p. 44).

É inegável que o aumento da violência no ambiente escolar mantém uma correlação com a desigualdade social, a qual caminha par e passo com a violência. O problema é resultado dos fenômenos de pobreza e exclusão que se alastram em toda sociedade. E é na escola que há uma potencialização das circunstâncias daí decorrentes, e que corroboram o mal-estar docente.

Esse campo de tensão ao qual o professor diversas vezes vê-se exposto pode levá-lo a fazer um questionamento de sua atividade, que se contradiz entre educar ou reprimir, formar um sujeito independente ou um sujeito comandado. [...] Como parte do dia-a-dia da escola, a violência é fruto de diversos fatores, tais como a profunda desigualdade entre as classes sociais, a imposição de regras coletivas, a repetição dos modelos que os alunos vivenciam em seus lares. (OLIVEIRA e MARTINS, 2007, p. 95).

O exercício da docência, no contexto da sociedade violenta denuncia que ser professor se tornou uma profissão de risco, pois além de ter que lidar com a perda do status social, a saúde é seriamente comprometida pelos constantes embates com os alunos, cada vez mais agressivos. Alia-se a isto, a percepção de frustração para aqueles que se sentem verdadeiramente vocacionados no exercício do ofício de professor, e se decepcionam ao exercer a função por causa de tantas dificuldades.

#### 4. ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E FUGA

Santos (2004) afirma que se verifica entre alguns educadores, persistentes em permanecer na profissão apesar das adversidades, um fenômeno denominado “A metáfora da Fênix”. Conta a mitologia egípcia que a Fênix é um animal que vive sete mil anos e que a cada mil anos, queima-se totalmente. Porém, a despeito dessa situação, renasce das próprias cinzas, seguindo sempre este ciclo de queimar-se e renascer.

Observe-se que esta alegoria é pertinente para a discussão. A docência é uma profissão extenuante, pois a atividade não se encerra ao final de cada aula, uma vez que os professores terão que preparar o material para o dia seguinte, corrigir tarefas dos alunos, participar das reuniões pedagógicas, atender aos pais e ou responsáveis, além de atender seus compromissos domésticos e familiares. Tal rotina é empreendida em detrimento do lazer e da espiritualidade, afetando, por conseguinte, a qualidade de vida. Todas estas circunstâncias aliadas às agravantes já mencionadas neste estudo, e que respaldam a ocorrência da metáfora da Fênix, na qual o docente é consumido, porém ainda assim, busca estratégias para enfrentar as situações adversas, recobrar o ânimo e seguir em frente. E isso tudo sem ter garantias de que o seu esforço será reconhecido e valorizado, e que as mudanças desfavoráveis, em algum momento, retrocederão.

A partir de certas condições, pode surgir um sofrimento fruto do choque entre a história pessoal (projetos, necessidades, esperanças e desejos) e uma organização de trabalho que não os reconhece. Esse sofrimento de natureza psicológica inicia quando o indivíduo não pode realizar mudanças na sua tarefa a fim de adaptá-la as suas necessidades fisiológicas e psíquicas. A relação homem-trabalho fica bloqueada. (CRUZ e LEMOS, 2005, p. 64)

Destas circunstâncias surgem pontos estratégicos construídos pelos professores para enfrentar o mal-estar docente. Entre estes pontos, vale ressaltar o estabelecimento de cumplicidade entre o professor/professor e

professor/coordenação. Segundo Santos (2004), os professores, ao buscarem compartilhar as experiências com os seus colegas, encontram subsídio para reajustarem suas formas de enfrentar as condições adversas, pois o contato com professores que já vivenciaram circunstâncias semelhantes, contribui para o entendimento de que aquele profissional não está isolado em sua condição, e que é possível encontrar apoio e solidariedade, além de agregar conhecimento para conduzir as situações estressantes, com controle e equilíbrio.

Por meio de estudos na área concluiu-se que o desenvolvimento na carreira dos professores que lidam com distúrbios de conduta deve incluir preparação inicial adequada e educação profissional direcionada à complexa realidade e aos desafios que esse trabalho oferece. Além disso a colaboração e comunicação devem ser enfatizadas, pois podem ser úteis para amenizar os problemas com administradores, outros educadores e pais. Muito importante também é ajudar esses professores a encontrar caminhos criativos para satisfazer as necessidades de interagir com colegas que lidam com o mesmo tipo de problemática, pois tem sido verificado que desejam tal interação e lucram com ela. (LIPP, 2002, p.48).

O apoio dos colegas é fundamental para se vencer o mal-estar docente. Existe um sério risco para os professores que se isolam. Ao refletir sobre a situação, julgando que ninguém ajuda ninguém (esta é a tônica do individualismo), o professor está fadado a ser tomado pelo mal-estar, pois, ao se fechar em si mesmo, não recebe apoio e, conseqüentemente, o sofrimento tende a aumentar.

Outras estratégias são: minimização do desgaste físico no exercício da função e a atitude de recorrer ao auxílio de um profissional da área de psicologia ou terapias que visem contribuir para seu equilíbrio emocional, atitudes imprescindíveis, diante do surgimento das dificuldades.

Observe-se porém que, se a reação às pressões sofridas pelo docente for o descaso, o afastamento das atividades será a provável conseqüência. Ferreira (2010) afirma que muitos professores quando estão frustrados, desistem de seus esforços ou recorrem a atitudes evasivas, para encarar as circunstâncias. Ainda

quando permanecem no cargo, não o exercem com grandes esforços pessoais. A fuga constante do espaço escolar por parte do professor é denominada de absentismo trabalhista, que ocorre quando ele, diante das situações insatisfatórias, opta por se afastar do ambiente de trabalho. Segundo a autora, tanto uma solução quanto outra não contribuem para melhorar a auto-estima do professor. Ao contrário, o que se observa é o sentimento de insatisfação constante.

Na escola, as professoras se queixam das condições de trabalho, dos alunos, do salário. Mas nos consultórios, para os médicos que lhes concedem licenças para tratamento de saúde, as queixas e sintomas apresentados mais freqüentemente são outros: “diarréia, pressão alta, vômito, dores na nuca, na cabeça, na coluna, nas costas, dormência nas mãos, irritabilidade, choro fácil, depressão, ansiedade, insônia”. (MURTA, 2001, p.1).

Quando os professores assumem tal atitude, observa-se que o conflito se instalou e que para estes, o mal-estar apresenta-se na sua profunda dimensão e abrangência, promovendo sentimentos de negação e fuga. “A intenção de abandonar a organização e a ‘saída psicológica’ ou despersonalização são tentativas de lidar com a exaustão emocional.”. (CARLOTTO, 2002, p. 27).

Essas estratégias construídas resultam numa relação de economia de energia despendida num ambiente desfavorável à função. São mecanismos para poder se manter na profissão e ao mesmo tempo ter saúde.

Na realidade, pode-se detectar uma permanente invenção do cotidiano, uma capacidade que os professores têm de construir atividades alternativas de exercício da docência, com intuito de solucionar uma dificuldade ou se desgastar menos. Santos (2006, p. 131).

Ao recorrer a seus pares ou promover estratégias, atitudes pragmáticas, ou até mesmo fatalistas – como é o abandono da profissão – os professores estão estabelecendo a lógica da reorganização no contexto profissional, a qual vai incidir

diretamente na sua produtividade na escola, e repercutir negativamente na sua imagem, nos dias atuais.

## 5. O PROFESSOR E O COMBATE AO MAL-ESTAR DOCENTE

As pesquisas são intensamente empreendidas na busca por respostas satisfatórias, visando entender a realidade e intervir nas condições de trabalho do profissional da educação. Suas inquietações e suas queixas sobre o contexto profissional interessam aos estudiosos da área. Já é sabido que as condições de trabalho para o exercício da docência, em sua maioria, são desfavoráveis.

Numa pesquisa desenvolvida pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1996, sobre a saúde dos professores de escolas particulares do Município de Salvador, Bahia, investigou-se a associação entre as condições de trabalho e queixas de doença em cada tipo de escola. A pesquisa apresentou uma divisão de categorias entre escolas de pequeno, médio e grande porte, e os resultados obtidos com a análise trazem pontos em comum: ambiente intranquilo e estressante; ritmo acelerado; salas inadequadas. Outros fatores foram ressaltados, como, por exemplo, o contato com o pó de giz, ou ainda, o desgaste na relação professor – aluno.

Em nível mundial, as pesquisas apontam dados similares, e que afetam diretamente a saúde do professor.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1981) constata que em cada dois professores participantes de uma pesquisa da Universidade de Munique se encontrava exposto ao risco de sofrer um ataque cardíaco. Segundo dados oficiais, entre educadores franceses, 60% dos pedidos de licença por motivo de doença se relaciona a distúrbios nervosos. (MARTINS, 2005, p. 11).

Associa-se a estes pontos a ocorrência de desvio da função, que ocorre quando os funcionários da secretaria da escola estão ausentes, e é o professor que tem de preencher esse espaço, acrescentando horas à sua jornada de trabalho.

Santos (2004) afirma que o professor, para realizar bem o seu papel, além de ter a sua disposição os materiais adequados, deve ter apoio direto dos outros profissionais dentro da escola.

A falta de material pedagógico e de funcionários que dão apoio à atividade do professor também se configura num obstáculo à sua saúde, uma vez que vai lhe exigir um esforço maior no exercício do ensinar, conseqüentemente, acelerando o desgaste profissional. (SANTOS, 2004, p.84).

Percebe-se que a associação da falta de material, sobrecarga de função, ou mesmo o desvio dela, promove a ocorrência da formação de zonas de tensão entre a vontade do professor em realizar determinadas tarefas, que seriam pertinentes à aprendizagem dos alunos e a impossibilidade de realização por falta de material e outros elementos necessários. Ou ainda, o fato de exercer dentro do ambiente escolar uma função que não lhe cabe. Pois, como profissional qualificado que é, sente-se sem apoio para exercer a função.

Um outro e importante fato a ser considerado é o lado afetivo que o ofício de professor traz consigo. As emoções de quem exerce a profissão estão num constante entrelaçar com os sentimentos seus alunos.

Se toda a atividade do professor se faz através da mediação afetiva, negando-se à essa mediação, distanciando a tarefa do afeto implícito a ela para se proteger, ele nega a sua própria atividade, condição de 'mestre'. Como não ver o aluno que lhe conta as dificuldades que têm para estudar porque mora longe e chega muito cansado à escola? Como negar apoio àquele menininho franzino que quer a todo custo aprender os mistérios da matemática? Nega a relação de afeto e sofre mais porque não cumpre a sua relação de trabalho no seu sentido pleno. (CODD, 2006, p.206).

É notório que os fatores negativos mencionados no presente estudo demandam um repensar para aqueles que desejam ingressar na carreira docente. Pesquisadores

apontam que muitos aspirantes à docência escolhem este ofício porque imaginavam que seria fácil a regência de uma sala de aula. Porém já na época do estágio, a realidade se mostra como ela é.

Note-se que as exigências dos cursos preparatórios à carreira docente demandam apenas qualidades intelectuais.

No que concerne aos educadores, não é possível continuar permitindo que a entrada, [...] em uma profissão que se tornou muito difícil, de estudantes que correm o risco de ir rumo ao fracasso perante os alunos, apesar de suas qualidades intelectuais e de um reconhecido saber. (PERETTI 1982, p. 130 apud ESTEVE, 1999, p. 119).

As propostas de formação baseada na classificação intelectual não são garantia de que os aspirantes à docência apresentarão certa dose de equilíbrio emocional numa sala de aula. Para alguns pesquisadores, é necessária uma avaliação anterior ao ingresso no curso de formação de professores.

Muitos esforços têm sido feitos no sentido de traçar um perfil do educador que é mais suscetível ao sentimento de burnout. De uma forma geral, estes estudos têm associado determinadas características de personalidade a esta maior vulnerabilidade: *lócus* de controle (interno ou externo), baixa resistência egóica, intolerância e ambigüidade de papéis. Pessoas que podem ser consideradas como tendo uma 'personalidade forte', que vêm a si mesmos como possuindo uma capacidade positiva de escapar do *stress*, pode acabar sucumbido ao burnout. (CODO, 2006, pp. 242, 243.).

Sem dúvida, é tema para reflexão. Deve-se pensar na reformulação do período de formação inicial do docente, com ações preventivas empreendidas já no período seletivo, especificamente no que diz respeito aos critérios de personalidade, como por exemplo, a estrutura emocional e psicológica do aspirante à docência; e o empenho pela adaptação dos conteúdos referentes à fase inicial na carreira, quando o profissional ainda está em formação, uma vez que estes conteúdos já se encontram defasados, ajustando-os ao exercício atual da docência com o intuito de adaptar a prática do professor às inovações e o domínio nas diversas áreas da

pedagogia. Isto é fundamental para se ter controle e segurança sobre as situações dentro da sala de aula.

Cite-se também a reestruturação do suporte técnico de auxílio aos docentes em exercício; no que diz respeito a toda a infra-estrutura escolar, desde o espaço físico com suas diversas repartições, devidamente arejadas, limpas e com acústica ideal, e equipamentos tecnológicos; mobiliário em bom estado de conservação e funcionamento, material didático e de atualização profissional adequados, até a prestação do serviço administrativo desenvolvido na secretaria da unidade escolar e, principalmente, a atuação da coordenadoria pedagógica, a qual deve ser devidamente capacitada para o exercício da sua função e atuar em parceria com o professor, sobretudo no contato com a família do educando.

Outra questão de suma importância no combate do mal-estar docente são as ações de políticas públicas voltadas para a valorização da função, sobretudo no que diz respeito à questão salarial. (Silva 2006) menciona um estudo realizado entre os anos de 1990 e 1995, apontando dados que impressionam, por seus índices preocupantes. A pesquisa visava identificar as causas da evasão dos profissionais de educação. Os dados foram obtidos na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e verificou-se que houve um aumento de 300% nos requerimentos de exoneração do magistério. A maior parte dos pedidos está relacionada aos baixos salários, às situações de precariedade para se desenvolver a profissão, à insatisfação, ao desencantamento no trabalho e à perda do status social.

Uma outra pesquisa mencionada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) aponta que pelo menos 10% dos docentes brasileiros da área de educação básica complementam sua renda familiar, recorrendo a atividades desenvolvidas fora da docência, principalmente no comércio informal de cosméticos. Além disso existe a dupla e tripla jornada de trabalho exercida por alguns professores.

Diante deste quadro, é imprescindível que o poder público empreenda ações voltadas para a valorização dos salários dos profissionais da educação.

Para a CNTE, o piso nacional do magistério - vinculado à carreira - representa um primeiro passo na direção da equidade laboral dos professores, condição fundamental para elevar a qualidade da educação. Mas muitos governadores e prefeitos - e, agora, até a justiça de um Estado, o Pará, em confronto com a decisão do Supremo Tribunal Federal - insistem em não observar a norma federal que também prevê jornada de trabalho para o/a professor/a com tempo dedicado às atividades extra-sala de aula (preparação e correção de atividades, reuniões pedagógicas e com os pais, formação no local de trabalho, dentre outras).

É relevante que se mencione ainda a necessidade de políticas públicas que visem a valorização profissional do educador com respeito à sua qualificação, como o oferecimento de cursos de reciclagem, atualização e pós-graduação aos docentes, a título gratuito, sem que tenham que dispor de seus recursos financeiros para custeá-los.

Cite-se, ainda, as iniciativas públicas de prevenção à violência nas escolas, com projetos que envolvem os diversos atores: familiares, docentes, discentes e a comunidade como um todo. Essas atividades tendem a aproximar não somente o professor do aluno, mas também aproximar a comunidade da escola.

Estas iniciativas visam promover o fortalecimento psicossocial dos professores, as relações interpessoais e os vínculos afetivos deles e seus os alunos, contribuindo assim para amenizar o clima de tensão, promotor do mal-estar docente. Sem dúvida, com a superação deste mal, todos saem vencedores: professores, alunos, família, sociedade, nação.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, percebe-se que o mal-estar docente ainda está longe de ser compreendido em toda a sua dimensão. Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema, porém contribuir para sua compreensão. Entende-se que é necessário que se invista em programas que investiguem a ação do mal-estar docente. Ao lado desta necessidade, ressalte-se outra de igual importância, que são as intervenções de cunho político-social. Elas são imprescindíveis para se conhecer e para poder combater o estresse no trabalho. Um grande avanço já foi dado com a inclusão do *burnout* no rol de doenças classificadas como transtornos mentais e doenças do comportamento relacionadas com o trabalho. Isto só foi possível com o advento do Decreto Lei 6042/07, que modificou alguns artigos do Decreto 3048/99. De acordo com o art. 337, do Decreto Lei 6042/07, o docente que tiver diagnosticado a síndrome, deve buscar o posto da Previdência Social, para dar entrada no pedido de afastamento do trabalho. Lá ele será submetido a uma perícia médica, para que o perito avalie se existe ou não, nexos entre o fato e o trabalho. Este é um avanço que deve ser considerado, pois responde de forma expressiva a uma das reivindicações dos que militam as causas dos trabalhadores em educação.

É urgente portanto, que se atribua ao tema à devida relevância e que ocorra uma ação conjunta dos diversos seguimentos da sociedade, sobretudo dos governantes, gestores, parlamentares, e, principalmente dos próprios docentes, principais interessados no combate a este mal-estar.

É necessário ouvir os docentes que estão enfrentando o problema, visando ajudá-los. Isso é uma tarefa de cunho social, pois quem cuida de pessoas deve ser alvo de cuidados. Este benefício retorna para a própria sociedade, na medida em que professores equilibrados, assistidos emocionalmente, satisfeitos na profissão e determinados no cumprimento das suas tarefas exercerão seu ofício com mais qualidade e dedicação, contribuindo para excelência da formação dos educandos, que são os futuros profissionais.

É certo que toda atividade requer, não só prazer, mais também condições e sentido para continuar de maneira equilibrada, saudável e plena. O desafio é compreender o contexto atual no intuito de vencer o mal-estar na docência.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Rosana Márcia Rolando; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Professores sob pressão: sofrimento e mal-estar na educação. In: *Psicanálise, Educação e Transmissão*, nº6., 2006, São Paulo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032006000100063&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100063&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em 09 fev. 2011.

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n. 47, dez. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n47/v1947a02.pdf>> Acesso em: 17 nov. 2010.

ARANDA, Silvana Maria. Um olhar implicado sobre o mal-estar docente. 2007. 147f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17311/000687320.pdf?sequence=1> Acesso em 05 nov. 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2008.

BARROSO, Betânia Oliveira. Para além do sofrimento: uma possibilidade de compreensão do mal-estar docente. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília. 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=36780786>> Acesso em: 19 set. 2011.

BATISTAS, Anália Soria; CODO, Wanderley. Crise de identidade e sofrimento. In: CODO, Wanderley. (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 60-85.

BATISTA, Anália Soria; EL-MOOR, Patrícia Dario. Violência e Agressão. In: CODO, Wanderley. (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 139-160.

BATISTA, Analía Soria; ODELIUS, Catarina Cecília. Infra-estrutura das escolas públicas. In: CODO, Wanderley. (Coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006a, p. 161-173.

BATISTA, Analía Soria; PINTO, Ricardo Magalhães. Segurança nas escolas e *burnout* dos professores. In: CODO, Wanderley. (Coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006, p.312-323.

BATISTA, Analía Soria; ODELIUS, Catarina Cecília. Infra-estrutura das escolas e *burnout* dos professores. In: CODO, Wanderley. (Coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006b, p. 324-332.

BAUMAN, Zigmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 5ª Ed. Brasília. Disponível em: <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/lbd\\_5ed.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/lbd_5ed.pdf)> Acesso em 16 de out. 2011.

BIRMAM, Joel. Mal-estar na atualidade: psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOLÍVAR, Antonio. (Org.) Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola. Bauru: EDUSC, 2002.

BOTO, Carlota. A forma escolar de civilização: golpes e movimentos. Revista educação: violência e indisciplina. São Paulo: Segmento, 2009, n. 1, p. 36-45.

CAMANA, Christiane. O sofrimento “extremo” do professor. In: POURTOIS, J.P.; MOSCONI, Nicole. (orgs.). Prazer, sofrimento, indiferença na educação. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 95 -120.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; DIAS, Maria Helena Pereira; ANDRADE, Maria Celeste de Moura. Prática Docente, Gênero e Cultura na Escola. In: MARIGUELA, Marcio;

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; SOUZA, Regina Maria de. (Orgs.). Que Escola é Essa? Anacronismos, Resistências e Subjetividades. Campinas: Alínea, 2009, p. 133-158.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul/dez 2002, p. 432-443.

CODO, Wanderley. (Coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis : Vozes, 2006.

CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. Baixos salários, “bicos” e desrespeitos à profissão de professor. Disponível em: <<http://www.cnte.org.br/index.php/comunica%C3%A7%C3%A3o/cnte-informa/423-cnte-informa-598-09-de-novembro-de-2011/9240-baixos-salarios-bicos-e-desrespeitos-a-profissao-de-professor>> Acesso em 14 de nov. 2011.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de *burnout* e o trabalho docente. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002.

DEJOURS, Christopher. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho? Cult. São Paulo, set. 2009, ano 12. n.139, p.49-53.

DIÁRIO DO SENADO FEDERAL. Projeto de Lei do Senado, Nº 191, 05/2009. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/publicacoes/diarios/pdf/sf/2009/05/12052009/16666.pdf>> Acesso em jul. nov. 2009.

DINIZ, Margareth. Do que sofrem as mulheres-professoras? In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. (Org.). A psicanálise escuta a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.194 -221.

ESTEVE, José Manuel. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC, 1999.

FANTE, C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus Editora, 2005.

FERRARI, Ilka Franco. Realidade social: a violência, a segregação e a falta de vergonha. Revista Mal-estar e Subjetividade, Fortaleza, Vol. VI, n 2, p. 269-284, Set. 2007. Disponível em: <[http://www.unifor.br/joomla/joomla/images/pdfs/pdfs\\_notitia/1841.pdf](http://www.unifor.br/joomla/joomla/images/pdfs/pdfs_notitia/1841.pdf)> Acesso em 15 jul. 2010.

FERRARI, Ilka Franco; ARAUJO, Renato Sarieddine. O mal-estar do professor frente à violência do aluno. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 5, n. 2, set. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482005000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000200004&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 15 fev. 2011.

FERREIRA, Leda Leal; ARAÚJO, Tânia Maria de; BATISTA, José Hélio Lopes. O trabalho de Professores na Educação Básica na Bahia. São Paulo: Fundacentro, 2009.

FILHO, João Batista de Mendonça. Ensinar: do mal-entendido ao inesperado da transmissão. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. (org.). A psicanálise escuta a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 71 – 106.

FOULKES, H.; CARTWRIGHT, R. Sleep. In: \_\_\_\_\_ *Encyclopedia Britânica Online*. Disponível em: <<http://www.britannica.com/bps/dictionary?query=burnout>>. Acesso em 5 de jul. 2011.

FRANZONI, Herminda Aparecida Carbo. Síndrome de Burnout: Um Desafio à Saúde Docente. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2092-8.pdf>> Acesso em Ago. 2011.

G1. Vestibular e Educação. Rio de Janeiro: GloboNews, 15 de maio de 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2011/05/violencia-dos-alunos-provoca-stress-pos-traumatico-em-professores.html>> Acesso em 19 de out. 2011.

GARCIA, Aurélio Gimenes. Educação e Psicanálise: a criança problema na perspectiva de análise da obra de Arthur Ramos (Rio de Janeiro 1930-1940). In: Práxis Educativa. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 65-76, jul. dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/viewFile/287/294>> Acesso em jan. 2011.

GERIN, Maria Cristina Cardoso. Burnout: o Trabalho Docente e a Saúde Ocupacional no Colégio Brigadeiro Newton Braga. 2008. 130 f. Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente/UNIPLI, M.Sc., Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.unipli.com.br/mestrado/artigos/novos/DISSERTAOMARIACRISTINAGERIN.pdf>> Acesso em 30 de set. 2011.

HART, Kevin. Prevenção da Violência Escolar: *Are We Making the Grade?. Nea to day*. 20 de abril de 2010. Disponível em <<http://neatoday.org/2010/04/20/preventing-school-violence-are-we-making-the-grade/>> Acesso em 19 de out. 2011.

JESUS, Saul Neves de. Bem-estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional. Porto: Porto, 1998.

\_\_\_\_\_. Motivação na profissão docente: perspectivas para o bem-estar docente. In: Os professores: identidades (re) construídas. JESUS, Saul neves de; LOPES, Amélia et. al. Porto: Edições Universitárias Lusófonas, 2004. p. 81-92.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Infância e ilusão (psico) pedagógica: escritos de psicanálise e educação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIPP, Marilda Novaes (Org.). O stress do Professor. Campinas: Papyrus, 2002.

LOPES, Amélia. Motivação e mal-estar docente. In: JESUS, Saul Neves de; LOPES, Amélia et. al. Os professores: identidades (re) construídas. Porto: Edições Universitárias Lusófonas, 2004, p.93 -108.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira. (org.). A psicanálise escuta a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-70.

LOPES, Claudivan Sanches; GASPARIN, João Luiz. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences: Maringá, v. 25, no. 2, p. 295-304, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na Sala de Aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). História das Mulheres no Brasil. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

MARTINS, Maria das Graças Teles. Sintomas de Estresse em Professores das Primeiras séries do ensino fundamental: um estudo exploratório. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0336.pdf>> Acesso em 17 set. 2011.

MELEIRO, Alexandrina Maria Augusta da Silva. O Stress do Professor. In: LIPP, Marilda Novaes (Org.). O stress do Professor. Campinas: Papirus, 2002, p. 11-28.

MIRANDA, Margarete Parreira; SANTIAGO, Ana Lydia. O mal-estar do professor frente à "criança-problema". In: Psicanálise, Educação e Transmissão, n. 6, 2006, São Paulo. Disponível em:  
<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100048&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100048&script=sci_arttext)> Acesso em 30 out. 2011.

MRECH, Leni Magalhães. Psicanálise e educação: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 2002.

MURTA, Cláudia. Magistério e sofrimento psíquico: contribuição para uma leitura psicanalítica da escola, 2001. Disponível em:

<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300031&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300031&script=sci_arttext)> Acesso em 14 set. 2011.

NÓVOA, António. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, António (org.). Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1999, p. 15- 21.

\_\_\_\_\_. Cúmplices ou reféns? Nova Escola. São Paulo, Ano XVIII, n. 162, p. 14-15, mai. 2003. Disponível em:

<[http://www.esquerda.net/index.php?option=com\\_content&task=view&id=4339&Itemid=64](http://www.esquerda.net/index.php?option=com_content&task=view&id=4339&Itemid=64)> Acesso em 10 set. 2011.

O Estado de São Paulo. Pedagogia preenche só metade das vagas. 2011.

Disponível em:

<[http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110203/not\\_imp674574,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110203/not_imp674574,0.php)>

Acesso em fev. 2011.

\_\_\_\_\_. Inclusão escolar ainda é desafio. 2009. Disponível em:

<<http://aprendiz.uol.com.br/content/uufrenedib.mmp>> Acesso em 26 set. 2011.

ODELIUS, Catarina Cecília; CODO, Wanderley. Salário. In: CODO, Wanderley. (Coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006, p.193-203.

ODELIUS, Catarina Cecília; RAMOS, Fernando. Remuneração, renda, poder de compra e sofrimento psíquico do educador. In: CODO, Wanderley. (Coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 338-354.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes. O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. Ciências & Cognição, Ano 03, vol. 07, 2006. Disponível em:

<<http://www.cienciasecognicao.org/artigos/v07/m31677.htm>> Acesso em 15 set. 2011.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicologia & Sociedade*; 19 (1): 90-98; jan/abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a13v19n1.pdf>> Acesso em 30 de out. 2011.

PACÍFICO, Juracy Machado. A queixa docente. In: PROENÇA, Marilene; MENEVÉ, Miguel. (Org). *Psicologia e educação na Amazônia: Pesquisa e realidade brasileira*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002. p. 33-53. Disponível em: <[http://books.google.com/books?id=ayNgcORFwcMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_v2\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q=&f=false](http://books.google.com/books?id=ayNgcORFwcMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q=&f=false)> Acesso em 20 set. 2011.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. *O Professor Desencantado: Matizes do Trabalho Docente*. Belo Horizonte: Armazén de Idéias, 2009.

PEREIRA, Ana Maria T. Benevides (Org.). *Burnout: Quando o Trabalho Ameaça o Bem-Estar do Trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PEREIRA, Flaviane Farias Sudário. *O Mal-Estar Docente e a Violência nas Escolas: Implicações Sobre a Prática Pedagógica*. 2010. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade ISSN 1982-3657. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Disponível em: <[http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/cdcoloquio/eixo\\_02/e2-73.pdf](http://www.educonufs.com.br/ivcoloquio/cdcoloquio/eixo_02/e2-73.pdf)> Acesso em 10 de set. 2011.

PERRENOUD, Philippe; MAULINI, Oliver; et al. *A Escola De A a Z: maneiras de repensar a educação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PINGOELLO, Ivone. *Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula*. 2009. 143f. Mestrado. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista - UNESP – Marília, 2009. Disponível em: <[http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/pingoello\\_i\\_ms\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/pingoello_i_ms_mar.pdf)> Acesso em 25 set. 2011.

POLATO, Amanda. Remédios para o professor e a Educação. Nova Escola: como anda a sua saúde? São Paulo, Ano XXIII, n. 211, p. 39. abril, 2008.

RBSP: Revista Baiana de Saúde Pública. Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (SESAB). Condições de Saúde e Trabalho dos professores da Rede Particular de Ensino: Salvador, maio, 1995.

REINHOLD, Helga Hinkenickel. O Sentido da Vida: Prevenção de *Stress* e *Burnout* do Professor. 2007. 189f. Tese. (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciência da Vida. Campinas. 2004. Disponível em: <[http://aa.med.br/upload/biblioteca/\(...\)%20prevencao%20de%20stress%20e%20burnout%20\(...\)pdf](http://aa.med.br/upload/biblioteca/(...)%20prevencao%20de%20stress%20e%20burnout%20(...)pdf)> Acesso em 20 ago. 2011.

RATIER, Rodrigo; SALLA, Fernanda. Ser professor: uma escolha de poucos. Nova Escola. Edição 229, Janeiro/Fevereiro 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/ser-professor-escolha-poucos-docencia-atratividade-carreira-vestibular-pedagogia-licenciatura-528911.shtml>>. Acesso em 18 de Ago. 2011.

RODRIGUES, Idaie Caetano. O Relacionamento Professor / Aluno. Disponível em: <[www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/.../md\\_idaie\\_caetano\\_rodrigues](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/.../md_idaie_caetano_rodrigues)> Acesso em 19 de set. 2011.

SANTOS, Gideon Borges dos. A fênix renasce das cinzas: o que os professores e professoras fazem para enfrentar as adversidades do cotidiano escolar. 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2004. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_arquivos/12/TDE-2005-05-24T053808Z-54/Publico/Dissertacao\\_%20Santos%20G%20B.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/12/TDE-2005-05-24T053808Z-54/Publico/Dissertacao_%20Santos%20G%20B.pdf)> Acesso em 17 out. 2011.

\_\_\_\_\_. As estratégias de fuga e enfrentamento frente às adversidades do trabalho docente. 2006. Disponível em:

<<http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/v6n1a12.htm>>. Acesso em 13 set. 2011.

SENA, Israel de Jesus; ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. Função paterna e adolescência em suas relações com a violência escolar. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, X., n. 2, mar. 2010. p. 111-136. Disponível em: <[http://www.unifor.br/images/pdfs/subjetividade/artigo5\\_2010.1.pdf](http://www.unifor.br/images/pdfs/subjetividade/artigo5_2010.1.pdf)> Acesso em 12 ago. 2011.

SCHILLING, Flávia. Indisciplina, violência: debates e desafios. *Revista educação: violência e indisciplina*, São Paulo, nº. 1, 2009, p. 6-17.

SILVA, Maria Emília Pereira da. *Burnout*: por que sofrem os professores?. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rj, ano 6, nº 1, 1º semestre de 2006, p. 89-98.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

V CONFERÊNCIA MUNDIAL E IV CONGRESSO IBERO AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIA NA ESCOLA, 2011. Mendoza – Argentina. Disponível em: <<http://www.lionstours.com/violenciaescola.html>> Acesso em 25 de out. 2011.

VIEIRA, Jussara Dutra. *Identidade Expropriada: Retrato do educador Brasileiro*. Brasília: CNTE, 2003.

VIEIRA, Jussara Dutra. *Piso Salarial nacional dos Educadores: Dois Séculos de Atraso*. Brasília: S/n, 2007.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Síndrome de Burnout. 2008. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome\\_de\\_Burnout](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADndrome_de_Burnout)> Acesso em: 16 jun. 2011.

ZIMPEL, Rogério Ricardo. *Aprendendo a Lidar Com o Estresse*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2005.

## 8. ANEXO

Resumo esquemático da Sintomatologia do *Burnout*. Fornecido por Ana Maria T. Benevides-Pereira.

### *Sintomatologia do Burnout*

<i>Físicos</i>	<i>Comportamentais</i>
Fadiga constante e progressiva	Negligencia ou excesso de escrúpulos
Distúrbios do sono	Irritabilidade
Dores musculares ou osteo-musculares	Incremento da agressividade
Cefaléias, enxaquecas	Incapacidade para relaxar
Perturbações gastrointestinais	Dificuldade na aceitação de mudanças
Imunodeficiência	Perda de iniciativa
Transtornos cardiovasculares	Aumento do consumo de substâncias
Distúrbios do sistema respiratório	Comportamento de alto-risco
Disfunções sexuais	Suicídio
Alterações menstruais nas mulheres	

<i>Psíquicos</i>	<i>Defensivos</i>
Falta de atenção, de concentração	Tendência ao isolamento
Alterações de memória	Sentimento de onipotência
Lentificação do pensamento	Perda do interesse pelo trabalho (ou até pelo lazer)
Sentimento de alienação	Absenteísmo
Sentimento de solidão	Ironia, Cinismo
Impaciência	
Sentimento de insuficiência	
Baixa auto-estima	
Labilidade emocional	
Dificuldade de auto-aceitação, baixa auto-estima	
Astenia, desânimo, disforia, depressão	
Desconfiança, paranóia	